

## Integração e conectividade comercial entre gregos e egípcios na região de Náucratis

Integration and commercial connectivity between greeks and egyptians in the region of Naukratis

Allan Arthur de Souza Camuri

Mestrando em História

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

allan\_camuri@hotmail.com

Recebido em: 01/06/2020

Aprovado em: 10/07/2020

**Resumo:** A conectividade mediterrânea têm sido objeto de estudo de diversos especialistas em antiguidade. Entretanto, muito se têm a explorar. Este artigo visa analisar a região de Náucratis, no Egito, e seu papel nas estruturas política e econômica do Mediterrâneo, considerando a conjuntura helênica e suas relações com o estado egípcio. O entreposto apresenta um leque de artefatos arqueológicos cuja análise revela a amplitude da inserção de Náucratis na rede de conectividade. Busco explorar os interesses dos gregos nesta região, demonstrando como a integração entre helenos e egípcios contribuiu para a circulação de mercadorias e para a aquisição de gêneros agrícolas por parte dos gregos, o que os auxiliou a enfrentar os períodos de recessão de abastecimento e crises políticas.

**Palavras-chave:** Náucratis; Rede de conectividade; Mediterrâneo.

**Abstract:** The Mediterranean connectivity has been the object of study of many specialists in antiquity. However, much remains to explore. This article aims to analyze the region of Naukratis, in Egypt, and its paper in the political and economic structures of the Mediterranean, considering the hellenic conjuncture and its relations with the egyptian state. The port shows many archaeological artefacts, which analyses reveal the amplitude of the insertion of Naukratis in the connectivity network. I seek to explore the Greek's interests on this region, showing how the integration between the Helens and the Egyptians contributed to the circulation of goods and for the acquisition of agricultural genera by the greeks, that helped them to face the periods of supply recession and political crises.

**Key words:** Naukratis; Network; Mediterranean.

Em fins da década de 1960, Fernand Braudel<sup>1</sup> já compreendia os antigos a partir de uma perspectiva alternativa, que levava em consideração a conexão entre diferentes grupos. Em

---

<sup>1</sup> *Memórias do Mediterrâneo: pré-história e antiguidade* (2001) foi escrito na década de 1960, só sendo publicado, contudo, em 1998, treze anos após a morte de Fernand Braudel.

relação as sociedades do Egeu, Braudel (2001, p. 140) comenta que, já no II milênio A.E.C.<sup>2</sup>, os cretenses estabeleceram contato com povos estrangeiros, o que possibilitou sua prosperidade mesmo após a conquista micênica da ilha de Creta em 1400. Dialogando com Braudel, Alan Greaves, pesquisador da história de Mileto, expressa a comunicação marítima entre minoicos e jônios desde a era do bronze, na qual grupos oriundos de Creta alcançaram a Península Milésia, se envolvendo em trocas comerciais com populações locais (GREAVES, 2002, p. 45 – 46). A identificação dessa aproximação foi possível devido aos objetos encontrados nas escavações, indicando que a cultura material consiste em um testemunho indispensável para compreender a conectividade entre diferentes sociedades. A importância dos artefatos também se manifesta em relação ao processo difuso de expansão grega do período arcaico, no qual as investigações arqueológicas mostram ser essenciais para o entendimento dos assentamentos e das relações entre os helenos e os povos nativos (MALKIN, 2011, p. 24).

Braudel (2001, p. 154) apresenta a capacidade do mediterrâneo de difundir rapidamente a materialidade, especialmente em decorrência da crescente navegação das populações costeiras. O aspecto do Mar Mediterrâneo como via de transmissão, não só de objetos, mas também de códigos e ideias, é justamente a razão pelo qual esse autor o considera uma “espécie de planeta onde tudo circulou precocemente” e um dos “centros vivos do universo”, que interliga os continentes africano, europeu e asiático em um espaço unitário (BRAUDEL, 2001, p. 30 – 31). Michel Gras (1998, p. 7) também emprega uma visão semelhante, destacando o Mediterrâneo como um núcleo de integração dos homens. Gras traça uma comparação entre o papel do mar para as sociedades mediterrânicas e o papel da ágora para as *poleis* gregas: “assim como a ágora, a praça pública, está no centro da cidade grega, o Mediterrâneo é o lugar central que condiciona a vida social, a vida relacional do mundo.” (GRAS, 1998, p. 8).

A unidade mediterrânica é defendida por Braudel já em sua grande obra intitulada *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. Ao dissertar sobre o meio geográfico, Braudel salienta que tanto as paisagens como as condutas humanas em relação ao ambiente formam uma unidade em diversos períodos históricos, como sendo resultado do clima mediterrânico (BRAUDEL, 1972, p. 231). Além da questão geográfica, o mar é caracterizado por Braudel por apresentar uma unidade humana em virtude da conectividade empreendida pelos

---

<sup>2</sup> Todas as datas no artigo se referenciam a períodos anteriores a era cristã (A.E.C.). Dessa forma, omitiremos a sigla.

grupos sociais, o que vinculava diferentes regiões em um mesmo espaço marítimo (BRAUDEL, 1972, p. 275).

A unidade distinta mediterrânica é uma percepção criticada por Peregrin Horden e Nicholas Purcell no livro *The Corrupting Sea*. Esses autores trabalham com o Mar Mediterrâneo lançando mão de uma abordagem que dialoga a ecologia com a interatividade humana, se atendo as subdivisões em microrregiões, cuja unidade só é formulada a partir das comunicações marítimas existentes em virtude da facilidade de navegação (HORDEN; PURCELL, 2000, p. 10). Sendo assim, não há uma unidade da paisagem ou das formas de vida no Mediterrâneo, já que a geografia é subdividida em topografias distintas. Uma outra acusação à Braudel efetuada por Horden e Purcell é referente ao determinismo ambiental de sua análise, no qual apresenta o homem como um prisioneiro de seu meio (HORDEN; PURCELL, 2000, p. 42). Essa questão também é tratada por William Vernon Harris (2005, p. 6), que ressalta o fracasso na tentativa de equilíbrio entre ação humana e condicionamento geográfico por parte de Braudel. Mesmo se alinhando a Horden e Purcell ao exercer questionamentos sobre Braudel e o determinismo ambiental, Harris se destaca também como um dos principais críticos às argumentações presentes na obra *The Corrupting Sea*.

Os estudos de Harris reconhecem que Horden e Purcell partem do princípio de interação mútua entre o meio e a decisão humana. Contudo, o resultado da abordagem do Mediterrâneo através das microrregiões não difere muito de Braudel no que consiste o determinismo geográfico. Para Harris, Horden e Purcell trazem muitas poucas referências às ações humanas ao trabalharem com regiões como o Vale de Beqaa<sup>3</sup> e o Sul da Etrúria<sup>4</sup> (HARRIS, 2005, p. 6). Harris defende que sempre houve conectividade em diferentes graus ao longo da história mediterrânica, mas que o mais importante não é apresentar este fato como resultado de uma tese, como fazem Horden e Purcell, mas sim, levantar problemáticas acerca de como esta conectividade é empreendida (HARRIS, 2005, p. 24). Irad Malkin demonstra um pensamento semelhante ao desaprovar a importância de descobrir que “tudo é conectado”, privilegiando, entre outros elementos, a compreensão das implicações das conectividades (MALKIN, 2011, p. 25).

---

<sup>3</sup> Região do Levante que corresponde aproximadamente ao atual Líbano. É perceptível que Horden e Purcell enfatizam as formações montanhosas e ação dos ventos, fazendo poucas referências à participação humana (HORDEN; PURCELL, 2000, p. 54 – 59). As críticas de Harris se relacionam ao fato de Horden e Purcell mencionarem muito rapidamente a presença de militares romanos no Vale.

<sup>4</sup> Descrições a respeito da ecologia, principalmente das chuvas e da paisagem vulcânica, preenchem as considerações de Horden e Purcell sobre essa região da Península Itálica (HORDEN; PURCELL, 2000, p. 59 – 64). A ausência de um aprofundamento na organização das drenagens por parte de etruscos e romanos é destacada por Harris como uma contradição nas argumentações dos autores.

Malkin estuda o mundo Mediterrânico pelos termos da teoria de redes<sup>5</sup>. Sua abordagem enfatiza os vínculos de conexão entre regiões distintas, que são ligadas umas às outras por laços de circulação de produtos e ideias (MALKIN, 2011, p. 17 – 18). Esse viés teórico tenta compreender as estruturas que formulam as redes e os impactos das conectividades relacionadas a elas em diferentes organizações sociais. O maior problema do trabalho de Braudel, para Malkin, é que o Mediterrâneo é tido como uma espécie de “recipiente” do meio ambiente, não havendo observações sobre a dinâmica da formação das redes e dos processos de conexão (MALKIN, 2011, p. 44). Da mesma forma, Horden e Purcell não desenvolvem a construção das redes e suas implicações. O Mediterrâneo em *The Corrupting Sea* acaba por ser muito semelhante ao de Braudel, excetuando-se a fragmentação em microrregiões (MALKIN, 2011, p. 45).

O trabalho de Irad Malkin tem como foco a civilização grega, especialmente durante o período arcaico (séc. VIII – VI A.E.C.). Essa delimitação temporal é presente também na obra de Michel Gras, que apresenta a seguinte caracterização do Mediterrâneo arcaico: “é o espaço de todas as mobilidades. As populações arcaicas sentiram-se fascinadas pelos deslocamentos, pelos fenômenos migratórios que tinham os seus ritmos naturais e que se assemelhavam às migrações das cegonhas e dos atuns” (GRAS, 1998, p. 193). A civilização grega e sua rede de conectividade são formadas durante esse período, justamente quando os gregos viajam pelas águas, fundando novas comunidades (MALKIN, 2011, p. 3). Essas “colônias”<sup>6</sup>, que vinculam os gregos a diferentes regiões, é o que forja a Hélade. Elas se transformam progressivamente em pontos de conexão<sup>7</sup>, acelerando a difusão da rede helênica pelo Mediterrâneo. Alguns desses pontos possuem múltiplas linhas de comunicação, obtendo e transmitindo informações à uma vastidão de outros territórios (MALKIN, p. 23, 39).

---

<sup>5</sup> Na primeira década do século XXI, a teoria de redes se tornou popular nos campos das negociações e da biologia. Alguns neurocientistas utilizam as redes para o estudo das trocas e dos danos cerebrais. O físico Albert-László Barabási, um dos nomes mais expoentes dessa vertente teórica, comenta sobre a difusão do cristianismo em termos de redes. Em relação as humanidades, se destaca o trabalho do Psicólogo Stanley Milgram, que já na década de 1960, aborda a conexão entre os seres humanos a partir das redes de contato (MALKIN, 2011, p. 26).

<sup>6</sup> Os termos “colônia” e “colonização” devem ser utilizados com cautela quando se trata do estudo da expansão marítima e comercial grega do período arcaico e clássico. Segundo Michel Gras (1998, p. 12), a partir do renascimento, foi comum a utilização de tais termos para se referenciar as comunidades fundadas por gregos pelas costas mediterrânicas. Contudo, isso traz uma analogia para com as fundações da Europa Moderna, ou mesmo do Império romano, sendo as comunidades gregas instituições distintas dessas últimas. Apesar dessa linha de pensamento, Gras (1998, p. 177) mantém a utilização da expressão “colônia”, justificando-a pela falta de um melhor vocabulário.

<sup>7</sup> O que Irad Malkin (2011) apresenta como *nodes* (“nós”), denominaremos como pontos de conexão, que se referem a regiões que atuam como ponte de contato entre unidades distintas, possibilitando a transmissão de informações.

A mesma delimitação temporal analisada por autores como Gras e Malkin, será abordada neste artigo. Tendo em vista as concepções de Malkin acerca da crucialidade dos pontos de conexão, ou seja, das “colônias”, para a formação do mundo helênico, iremos apresentar a região de Náucratis, no Delta egípcio, como uma parte integrante da rede grega. A conectividade entre gregos e egípcios é fortalecida no século VII por meio de alianças diplomáticas e econômicas, nas quais a região de Náucratis exerce um papel proativo, dilatando as fronteiras entre ambas as civilizações. A arqueologia britânica fornece informações consistentes sobre as descobertas no sítio de Náucratis<sup>8</sup>, o que serve como base para o desenvolvimento de novas pesquisas envolvendo essa região.

O intento deste trabalho é traçar as linhas de conexão entre Náucratis e outras localidades do Mediterrâneo, buscando compreender as forças que impulsionaram suas construções, assim como algumas de suas implicações para as sociedades helênicas. Evidências apontam a importância ímpar do Delta egípcio para as relações econômicas de diferentes *poleis*, sendo Náucratis um ponto de conexão que possibilitou a aquisição de diversos produtos egípcios por parte dos gregos, especialmente os gêneros agrícolas do Nilo. Os recentes debates historiográficos, assim como o diálogo entre os documentos textuais e os artefatos arqueológicos, permitem compreender o peso de Náucratis para a Hélade, o que está de acordo com a perspectiva de Irad Malkin no que consiste o papel das “colônias” para o mundo grego. Os dados corroboram com a ideia de que a rede helênica não pode ser observada com olhares que dividem centro/periferia (MALKIN, 2011, p. 41), levando em conta a importância de Náucratis para as relações interestatais mediterrânicas.

Os gregos e os egípcios mantiveram laços políticos e econômicos desde a era do bronze, sendo possível testificar a presença minoica e micênica no Delta do Nilo durante o II milênio. Entretanto, a partir do século VII, com a fundação de Náucratis, as trocas se desenvolvem com maior vitalidade. A criação do entreposto está atrelada a concessão de terras aos gregos por parte

---

<sup>8</sup> O sítio arqueológico de Náucratis foi descoberto na segunda metade do século XIX pelo egiptólogo britânico Willian Flinders Petrie, que liderou as primeiras escavações entre 1884 e 1885, identificando importantes edificações, como o templo dedicado a Apolo e o templo dedicado a Dioscuri. Ernest Gardner, em 1886, realiza a segunda campanha arqueológica em Náucratis, descobrindo, entre outras estruturas, o templo de Afrodite. Em 1899 e 1903, David Hogarth toma a frente das novas campanhas arqueológicas no sítio do antigo assentamento grego, sendo a descoberta do *Hellenium*, o maior templo de Náucratis, sua realização mais importante. Em fins da década de 1970 e princípios de 1980, os Norte-Americanos Albert Leonard Jr. e William Coulson retomam as atividades na região. A partir de 2012, o Museu Britânico investe em novas investigações, que se mantêm em continuidade, com Alexandra Villing sendo uma das mais importantes lideranças.

dos faraós da dinastia saíta, como recompensa pelas forças mercenárias que Gyges da Lídia<sup>9</sup> envia ao Nilo para auxiliar na contenção do império assírio (VILLING; SCHOUTZHAUER, 2006, p. 2). Alexander Fantalkin (2006, p. 201) ressalta que a comunicação grega com regiões do Leste foi paralisada em virtude da expansão assíria, o que pode ter sido uma das circunstâncias da aliança entre os helenos e o Egito, tendo em vista que esse último se encontrava na condição de província imperial. O que leva ao questionamento da ideia de que a fundação de Náucratis foi decorrente somente de uma aliança militar, são os múltiplos interesses egípcios na região. Segundo Braun (2008, p. 39 – 40), o vinho das terras da Hélade era considerado superior à produção local do Nilo, o que fez com essa mercadoria, junto do óleo de oliva e da prata, constituíssem os principais interesses do Egito em relação a Náucratis. Tais ambições são ratificadas pelos vestígios da cultura material, nos quais se pode encontrar fragmentos de vasos de cerâmica grega utilizados para o armazenamento de vinho e óleo de oliva, datados desde o período arcaico, como se pode verificar na Figura 1:

**Figura 1:** Fragmento de Enócoa coríntia encontrada em Náucratis. Datada entre 595 e 570



Fonte: Catálogo organizado pelo Museu Britânico<sup>10</sup>. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectid=3427032&partid=1&searchText=Corinthian+Oinochoe&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online\\_research\\_catalogues/russian\\_icons/catalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectid=3427032&partid=1&searchText=Corinthian+Oinochoe&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online_research_catalogues/russian_icons/catalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1) Acessado em: 01/06/2020.

<sup>9</sup> O Rei Gyges chega ao poder na Lídia em aproximadamente 680, se mantendo até sua morte, em 650. A partir desse período, a Lídia inicia um processo de expansão pela Ásia Menor, influenciando a estrutura política e econômica de diversas *poles* da região (COOK, 2008, p. 197).

<sup>10</sup> Em 2011, o Museu Britânico foi responsável por catalogar diversos artefatos encontrados ao longo das investigações no sítio de Náucratis. Os vestígios materiais de diferentes proveniências podem ser acessados nessa compilação, que está disponibilizada online no site do Museu Britânico. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/research/online\\_research\\_catalogues/ng/naukratis\\_greeks\\_in\\_egypt.aspx](https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt.aspx).

O referido artefato consiste em um caco de uma Enócoa coríntia. Dietrich von Bothmer (1972, p. 4), ao trabalhar com a pintura dos vasos gregos, destaca que as Enócoas eram jarros utilizados no consumo do vinho, afirmando assim as proposições de Braun. Logo, não foi apenas a questão militar que impulsionou a aliança Greco-egípcia<sup>11</sup>, mas também os interesses mercantis do Egito em relação à Grécia, que puderam ser atendidos através da edificação de um entreposto que possibilitava a rápida e ampla aquisição das produções helênicas.

A documentação textual grega mais antiga de que se tem conhecimento no que diz respeito a região de Náucratis são os relatos de Heródoto, que expõem algumas das características do processo de instauração do entreposto:

Âmasis se tornou um amante dos helenos, e entre outros serviços prestados à alguns deles, ele deu a aqueles que vinham ao Egito a cidade de Náucratis para habitarem. Aos que viajavam sem desejo de se assentar, ele concedeu terras onde poderiam erguer altares e construir lugares sagrados dedicados aos seus deuses<sup>12</sup> (HERÓDOTO, II: 178).

A partir do documento, é possível notar as relações diplomáticas entre o Egito saíta e a Grécia, contexto ao qual Náucratis é fundada. A arqueóloga alemã Astrid Möller (2000, p. 37 – 38) discorre a respeito dos estreitos diálogos entre o faraó Âmasis e os helenos, destacando que o Estado egípcio concedia presentes, em troca de objetos de valor e contingente militar. Assim, a diplomacia interestatal é um elemento primário para a elevação de Náucratis como uma região de importante atividade econômica no Mediterrâneo. O diálogo entre gregos e egípcios fez com que esse assentamento se transformasse em um centro de interseção, onde os helenos poderiam realizar cultos religiosos e trocas comerciais, proporcionando, em contrapartida, mercadorias provenientes de diferentes pontos da Hélade para o Egito. Entretanto, o que levou os gregos a empreenderem negócios com os egípcios? Quais foram seus interesses na institucionalização de um entreposto no Delta?

---

<sup>11</sup> Tal como afirma Irad Malkin (2011, p. 3), não existiu um Império Pan-Helênico. Quando é mencionado uma aliança Greco-Egípcia, essa se refere a uma variedade de diferentes *poleis* helênicas, especialmente àquelas localizadas na Ásia Menor, que se aliaram ao Estado faraônico em termos militares e econômicos.

<sup>12</sup> Todas as citações de Heródoto no presente artigo foram traduzidas do original em grego para o inglês por A. D. Godley. Tradução própria do inglês para o português. Versão em inglês do trecho em questão: Amasis became a lover of the Greeks, and besides other services which he did to some of them he gave those who came to Egypt the city of Naucratis to dwell in, and to those who voyaged to the country without desire to settle there he gave lands where they might set altars and make holy places for their gods.

As transformações dos métodos analíticos da arqueologia, especialmente o desenvolvimento da arqueometria<sup>13</sup>, confirmam que a maior parte dos artefatos de cerâmica encontrados em Náucratis foram produzidos em *poleis* da Grécia asiática. A abrangência da materialidade oriunda da Ásia Menor no Delta egípcio é explicada quando se observa o empreendimento da fundação de Náucratis, evento protagonizado por helenos da Península Anatólia, que enfrentavam sucessivos problemas políticos e econômicos. Conforme Irad Malkin (2011, p. 173), “uma série de cataclismos envolvendo invasões e conquistas por cimérios, assírios, babilônicos, lídios, medas e, finalmente, os persas, parecem ter sido parte de uma turbulência crescente<sup>14</sup>”, provocando a desestabilização das organizações políticas gregas desse território. Jean-Pierre Vernant (2002, p. 75) atrela aos problemas das ameaças externas, levantados por Malkin, uma recessão de abastecimento, que se expressa como um desdobramento da carência de cereais. A crise vigente, que também acaba por se estender para a Grécia Continental, estimula a busca por terras por parte das *poleis* helênicas, que se expandem pelos limites do Mediterrâneo e do Mar Negro (GRAS, 1998, p. 136). Esse é o cenário que acaba por desencadear na instituição de novos assentamentos, inclusive no Delta do Nilo.

A “colonização” grega não operou em ritmo conjunto, não existindo uma coordenação sistemática do processo, sendo ela uma série de emigrações e instalações distintas que atendiam aos interesses particulares de cada comunidade política (GRAS, 1998, p. 178). Cada *polis* lançou-se em suas próprias aventuras marítimas de forma independente, criando uma linha de conexão particular que as vinculava a terras estrangeiras. Os debates em torno das forças que impulsionaram os gregos a se assentarem em Náucratis levam a reflexão sobre um segundo documento que trata sobre a região. Estrabão menciona Náucratis e sua fundação, trazendo informações que contrastam com o relato de Heródoto:

No tempo de Psamético (que viveu no tempo de Cyaxares de Mede<sup>15</sup>), os milésios, com trinta navios, adentraram o Egito pela boca Bolbitina, e, desembarcando, ergueram uma fortaleza; posteriormente, navegaram para o

---

<sup>13</sup> A arqueometria diz respeito a metodologias da ciência arqueológica que utiliza as ciências naturais, especialmente a física e a química, para a análise dos vestígios materiais. A análise por ativação de nêutrons, que captura a composição química de um objeto, foi o principal método utilizado no estudo dos artefatos de cerâmica encontrados em Náucratis. Dessa forma, houve a possibilidade de identificar parte do percurso da materialidade do sítio. Consideramos também as contribuições da aplicação da petrografia, que também possuía o papel de detecção da trajetória dos artefatos, operando, contudo, com comparações entre as composições mineralógicas.

<sup>14</sup> Tradução própria do original em inglês para o português. No original: A series of cataclysms involving invasions and conquests by kimmerians, Assyrians, Babylonians, Lydians, Medes, and finally Persians all must have seemed to be a part of a huge, escalating turbulence.

<sup>15</sup> Rei que elevou o poder meda, derrotando o império assírio e expandindo seus domínios para o Oeste.

Nomo de Sais, derrotaram a cidade de Inaros em uma batalha naval, fundando Náucratis, não muito acima de Schedia.<sup>16</sup> (ESTRABÃO, XVII: I.18).

Apesar da confirmação arqueológica das evidências de uma aliança entre Âmasis, que reinou entre 570 e 526, e os gregos, Estrabão informa que a fundação de Náucratis é anterior. O documento em questão proporciona a perspectiva de que a instalação do entreposto é um episódio do governo de Psamético I, que lidera o estado faraônico na segunda metade do século VII. As recentes escavações atestam que Náucratis foi reorganizada sob o governo de Âmasis, intensificando os laços entre gregos e egípcios, porém, já era um assentamento helênico antes desse período (VILLING; SCHOUTZHAUER, 2006, p. 5). Diversos artefatos de cerâmica que antecedem Âmasis foram encontrados no sítio (ex.: Fig. 1, Fig. 2, Fig. 3, Fig. 4), o que reforça a afirmativa de que os helenos já se assentaram no Delta antes de seu reinado. Não há menções de um acordo diplomático entre o Egito e a Grécia no discurso de Estrabão, mas sim, que Náucratis foi fundada pela iniciativa de grupos oriundos de Mileto, a única *polis* responsável por seu estabelecimento. A narrativa apresenta um contexto distinto de uma aliança, no qual Mileto funda uma fortaleza, evento que é seguido por conflitos com forças locais. A iniciativa militar milésia permite identificar uma necessidade em obtenção de terras no Norte do Egito.

John M. Cook (2008, p. 213) enfatiza que Mileto liderou a fundação de Náucratis, frisando ainda que “escritores latinos destacam que Mileto foi a *polis* fundadora de 75 ou mesmo 90 colônias: isso sem dúvidas é um exagero, mas podemos nomear duas dúzias de lugares entre o Helesponto e a distante costa do Mar Negro cujo fundações milésias foram feitas.<sup>17</sup>” As razões da expansão milésia, mencionada por Cook, são trabalhadas por Alan Greaves. O autor conclui que Mileto possuía campos vastos com produção suficiente para o abastecimento da população local, entretanto, as incursões militares da Lídia e, posteriormente, da Pérsia, levaram Mileto a expandir seus domínios pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro, uma vez que a *polis* teve sua *khora* reduzida (GREAVES, 2002, p. 108). A partir de Greaves, entende-se a expansão milésia,

---

<sup>16</sup> Todas as citações extraídas da *Geografia* de Estrabão foram traduzidas do original em grego para o inglês por Horace Leonard Jones. Tradução própria do inglês para o português. Na versão em inglês do referido trecho: In the time of Psammitichus (who lived in the time of Cyaxares the Mede) the Milesians, with thirty ships, put in at the Bolbitine mouth, and then, disembarking, fortified with a wall the above-mentioned settlement; but in time they sailed up into the Saitic Nome, defeated the city Inaros in a naval fight, and founded Naucratis, not far above Schedia.

<sup>17</sup> Tradução própria do original em inglês. No original: She [Mileto] is said by Latin writers to have been the mother city of 75 or even 90 colonies; this is no doubt an exaggeration, but we can give names to two dozen places between the Hellespont and the far coasts of the Black Sea for which a Milesian foundation was claimed.

englobando as expedições ao Egito, como uma resposta aos problemas relacionados a perda de terras e de abastecimento de gêneros alimentícios

John Boardman (1980, p. 129) aponta a busca de grãos como sendo a principal força que moveu os helenos a se assentarem em Náucratis, perspectiva também compartilhada por A. J. Graham (2008, p. 134), quando este afirma que o trigo era a principal mercadoria obtida pelos gregos na região, e por Maria Regina Candido (2016, p. 59), que considera Náucratis como sendo um “lugar de trocas comerciais para assegurar a importação de cereais, metais e produtos agrícolas”. Tendo em vista as constatações historiográficas, junto aos esforços empreendidos por Mileto ao adentrar nas terras nilóticas, o que é exposto por Estrabão, destaca-se a ideia de que as razões que levaram os gregos a fundarem Náucratis foi a busca de terras e gêneros alimentícios. No entanto, no que consiste o papel de Mileto, uma outra problemática se apresenta. Se a arqueologia confirma que Náucratis foi fundada após uma aliança entre o Egito e Gyges, de que forma Mileto, que buscava caminhos externos em decorrência das incursões da Lídia, protagonizou a instauração do entreposto helênico no Egito?

No que concerne a fundação de Náucratis, apesar de a arqueologia estar de acordo com Estrabão em relação a iniciativa milésia, essa provavelmente não foi a única *polis* envolvida no empreendimento (SCHOUTZHAUER; VILLING, 2006, p. 59). Destacamos uma forma de empreitada coletiva no Delta egípcio durante o século VII, na qual a *polis* milésia iniciou a ancoragem e a investidura militar naquelas terras, fundando Náucratis e sendo acompanhada posteriormente por forças colaborativas que já estavam no Egito em virtude da aliança com Psamético I. Os escritos de Heródoto (II: 152) mencionam que jônios e cários alcançaram as terras do Nilo, efetuando acordos com Psamético I, o auxiliando em questões relacionadas a defesa militar e obtendo recompensas, o que confirma a existência de uma aliança entre gregos e egípcios nesse período, sem que, contudo, tenham relações diretas com Mileto. Tais relações vieram a ser empregadas após a fundação de Náucratis, quando grupos jônios e cários se alinharam a presença milésia na região. As facções mercenárias foram possivelmente enviadas por Gyges da Lídia e, após servirem aos seus propósitos com o Estado Egípcio, se assentaram no recente porto de Náucratis, onde poderiam cultuar os deuses helênicos (WILLIAMS; VILLING, 2006, p. 48). Artefatos arqueológicos provenientes de Mileto (Fig. 1), assim como de outras cidades jônicas (Fig. 2), e da Cária (Fig. 3), foram detectados no sítio de Náucratis, sendo datados desde o século VII e princípios do século VI:

**Figura 2:** Fragmento de Placa milésia encontrada em Náucratis. Datada entre 610 e 590



**Fonte:** Catálogo organizado pelo Museu Britânico. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectid=3551107&partid=1&searchText=AM1363&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online\\_research\\_catalogues/russian\\_icons/catalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectid=3551107&partid=1&searchText=AM1363&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online_research_catalogues/russian_icons/catalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1) Acessado em: 01/06/2020.

**Figura 3:** Fragmento de um Dino chiota encontrado em Náucratis. Datado entre 625 e 600



**Fonte:** Catálogo organizado pelo Museu Britânico. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectid=1335372&partid=1&searchText=British+museum+1924&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online\\_research\\_catalogues/russian\\_icons/catalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=7](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectid=1335372&partid=1&searchText=British+museum+1924&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online_research_catalogues/russian_icons/catalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=7) Acessado em: 01/06/2020.

**Figura 4:** Fragmento de um Escifo cário encontrado em Náucratis. Datado de 600



Fonte: Catálogo organizado pelo Museu Britânico. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectid=1335590&partid=1&searchText=Carian&numpages=12&output=bibliography%2f!%2fOR%2f!%2f8909%2f!%2f%2f!%2fNaukratis%3a+Greeks+in+Egypt%2f!%2f%2f!%2f%2f!%2f&sortBy=catNumber&orig=%2fresearch%2fpublications%2fonline\\_research\\_catalogues%2frussian\\_icons%2fcatalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectid=1335590&partid=1&searchText=Carian&numpages=12&output=bibliography%2f!%2fOR%2f!%2f8909%2f!%2f%2f!%2fNaukratis%3a+Greeks+in+Egypt%2f!%2f%2f!%2f%2f!%2f&sortBy=catNumber&orig=%2fresearch%2fpublications%2fonline_research_catalogues%2frussian_icons%2fcatalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1) Acessado em: 01/06/2020.

O caco de cerâmica proveniente da Ilha de Chios (Fig. 3) traz indícios de que facções oriundas dessa *polis* estiveram envolvidas no empreendimento durante o século VII. Heródoto (II: 178) menciona Chios como uma das *poleis* responsáveis pela administração da região, a partir de Âmasis. Entretanto, o catálogo organizado pelo Museu Britânico enumera mais de 2.000 artefatos arqueológicos chiotas, sendo grande parte desses datados desde o século VII e princípios do século VI, antes da reorganização do assentamento, como exemplificado na Figura 3. É possível que forças militares de Chios estivessem inseridos entre os grupos mercenários jônios no Delta do Nilo, que, junto dos cários, se alinharam à milésios localizados em Náucratis.

A presença de círculos sociais distintos é uma característica da região de Náucratis desde sua fundação. Os egípcios aderiram a estadia grega no Delta por razões diplomáticas, militares e econômicas, não apenas permitindo o estabelecimento de uma instituição no século VII, mas fortalecendo os laços no século seguinte. A partir de Náucratis, as mercadorias do Nilo poderiam circular pelo Mediterrâneo, enquanto os egípcios obtinham algumas das mais importantes produções helênicas. Apesar da Ásia Menor ter mobilizado o maior quantitativo material para Náucratis, outras diversas regiões exerceram contato com o assentamento, amplificando a presença egípcia na órbita de influência grega, além de elevar Náucratis à categoria de ponto de conectividade plural, servindo como região intermediária entre a cultura egípcia e múltiplas terras banhadas pelas águas mediterrânicas.

O posicionamento econômico de Náucratis se insere em uma rede que integrava uma ampla territorialidade do antigo Mediterrâneo, proporcionando mercadorias e costumes à

diversas sociedades. O artefato coríntio, mencionado anteriormente (Fig. 1), desperta nossa atenção para as relações do Delta egípcio com comunidades do continente, e não apenas da Ásia Menor, tema que será retomado adiante. Mesmo que a iniciativa da fundação de Náucratis tenha sido empreendida pela Jônia, as materialidades de outras proveniências circulam pela região, a exemplo dos objetos de cultura fenícia, produzidos no Chipre, como elucidado na figura 5.

**Figura 5:** Estátua de calcário cipriota-fenícia encontrada em Náucratis. Datada entre 575 e 540



**Fonte:** Catálogo organizado pelo Museu Britânico. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectId=460142&partid=1&searchText=Cyprus+Hunter&numpages=12&output=bibliography%2f!%2fOR%2f!%2f8909%2f!%2f%2f%2fNaukratis%3a+Greeks+in+Egypt%2f!%2f%2f!%2f!%2f&sortBy=catNumber&orig=%2fresearch%2fpublications%2fonline\\_research\\_catalogues%2frussian\\_icons%2fcatalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectId=460142&partid=1&searchText=Cyprus+Hunter&numpages=12&output=bibliography%2f!%2fOR%2f!%2f8909%2f!%2f%2f%2fNaukratis%3a+Greeks+in+Egypt%2f!%2f%2f!%2f!%2f&sortBy=catNumber&orig=%2fresearch%2fpublications%2fonline_research_catalogues%2frussian_icons%2fcatalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=1) Acessado em: 01/06/2020.

Materiais arqueológicos cipriotas alcançam Náucratis já em fins do século VII e princípios do VI, não muito após a fundação do entreposto, assim como se dá em relação aos artefatos oriundos das *poleis* continentais. A acelerada difusão de mercadorias para o Delta egípcio em função de Náucratis indica a importância dessa região para o comércio mediterrâneo desde os primórdios de sua fundação. As produções de calcário, de acordo com Alexandra Villing e Udo Schoultzhauer (2006, p. 7), podem ter sido levados à Náucratis através das relações entre o Egito e a Grécia asiática, o que, de forma alguma, exclui as possibilidades de presença fenícia na região,

já que Diodoro Sículo<sup>18</sup> (I: 66.8) assinala que nos tempos de Psamético I, gregos e fenícios eram os povos que mais comercializaram com o Egito.

Os gregos da Anatólia se mantiveram como protagonistas nas negociações em Náucratis, mesmo após o período de fundação. No século VI, as trocas são acentuadas, especialmente por que, a partir de Âmasis, Náucratis se torna o único porto do Egito onde estrangeiros poderiam realizar transações comerciais (HERÓDOTO, II: 179). A fundação do *Hellenium*, o maior templo do assentamento, reafirma o pacto entre o estado egípcio e os gregos. A administração do santuário e do entreposto passam a ser atreladas, e suas lideranças representam a imponência da Grécia asiática na instituição de Náucratis. Klazomênas, Rhodes, Halicarnossos, Mitilene, Fóciaia, Chios, Téos, Facelis e Cnidos são apontadas por Heródoto como gestoras do assentamento, sendo acompanhadas pela presença de milésios, samios e eginetas (HERÓDOTO, II: 178). Como já argumentado, um interesse comum congregava as variadas comunidades políticas envolvidas com Náucratis: a busca de grãos e terras férteis. Os problemas enfrentados por Mileto e outras *poleis* da Ásia Menor impulsionaram suas facções a buscar gêneros alimentícios no Delta. Entretanto, esse era o mesmo objetivo de povos do continente?

Em relação a Egina, ilha próxima a Ática, Estrabão (VIII: 6. 16) destaca seu solo pobre, com carência de plantio e de terras cultiváveis, fazendo com que seus habitantes explorassem os mares para adquirirem os recursos necessários. As populações eginetas em Náucratis, mencionadas por Heródoto, podem ter chegado ao Egito buscando recursos agrícolas, processo semelhante ao das *poleis* asiáticas. Com o desenvolvimento da rede econômica, os eginetas atuaram também como mediadores do comércio da cerâmica coríntia e ática na região de Náucratis, abundantes especialmente a partir do século VI. Mesmo que muitos jarros de Corinto tenham alcançado o Delta através de intermediários, outros podem ter sido trazidos pelos próprios coríntios, cuja presença em Náucratis é certificada por dedicações religiosas encontradas no sítio (VILLING; SCHOUTZHAUER, 2006, p. 7). No que consiste as trocas entre o Delta egípcio e Atenas, é importante que as análises se estendam ao período clássico. É certo que seja abrangente os artefatos áticos arcaicos em Náucratis. Contudo, além da cerâmica, as escavações descobriram um índice quantitativo elevado de moedas de prata ateniense datadas do século V, que trazem indícios da demanda de cereais por parte de Atenas. Nesse período, a moeda passou a ser

---

<sup>18</sup> A versão utilizada da obra *Library of History* de Diodoro Sículo contém a tradução do original em grego para o inglês por C. H. Oldfather.

utilizada pelos atenienses como o principal meio de aquisição de gêneros agrícolas<sup>19</sup> em portos estrangeiros, em um contexto de declínio do comércio da cerâmica ática (MOSSÉ, 2008, p. 125).

**Figura 6:** Moeda de prata ateniense encontrada em Náucratis. Datada entre 450 e 406



**Fonte:** Catálogo organizado pelo Museu Britânico. Disponível em:

[https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/search\\_object\\_details.aspx?objectId=1120557&partid=1&searchText=Silver+coin&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online\\_research\\_catalogues/russian\\_icons/catalogue\\_of\\_russian\\_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=2](https://projects.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/search_object_details.aspx?objectId=1120557&partid=1&searchText=Silver+coin&numpages=12&output=bibliography/!/OR/!/8909/!/!/Naukratis:+Greeks+in+Egypt/!/!/!/!/!/!/&sortBy=catNumber&orig=/research/publications/online_research_catalogues/russian_icons/catalogue_of_russian_icons.aspx&catalogueOnly=True&catparentPageId=35374&catalogueName=Naukratis:%20Greeks%20in%20Egypt&displayEssayResults=True&currentPage=2) Acessado em: 01/06/2020.

De acordo com a pesquisadora Claude Mossé (2008, p. 82), o trigo do Egito foi amplamente carregado para Atenas na segunda metade do século V, o que, vinculado às descobertas das moedas de prata em Náucratis, evidencia a presença de atenienses no assentamento, provavelmente negociando sua prata em troca de cereais egípcios. Apesar das dificuldades investigativas, as evidências arqueológicas, atreladas a documentação textual e as recentes pesquisas historiográficas, possibilitam compreender a importância do Egito para o mundo helênico. A produção agrícola grega tornou-se insuficiente, sendo necessária a abertura de horizontes para a aquisição de grãos em regiões “bárbaras”, tanto por parte das *poleis* asiáticas quanto por populações continentais. É evidente não apenas que Náucratis tenha sido um dos pontos necessários para esta aquisição, como também teve sucesso em corresponder aos anseios dos mercadores helênicos, considerando a manutenção e o fortalecimento progressivo de suas relações com as *poleis* gregas. Entretanto, de que forma foi possível que este entreposto atendesse tantas demandas?

---

<sup>19</sup> Assim como outras regiões montanhosas do Mediterrâneo, a Ática era pouco propícia à cultura de cereais (MOSSÉ, 2008, p. 123), o que fazia com que Atenas necessitasse de ampla importação de gêneros agrícolas produzidos em terras distantes.

Segundo Braudel (2001, p. 19 - 21), a geografia mediterrânea consiste majoritariamente de vastas montanhas que encobrem as costas, dificultando o cultivo e o contato entre diferentes grupos por meio das estradas. A exceção à essa constatação é justamente o Norte da África, que inclui os vastos domínios do Delta egípcio, fazendo o que a terra seja propícia à produção de gêneros agrícolas de forma mais abundante do que nas terras balcânicas e na Ásia Menor. Os escritores helênicos já mostravam seu fascínio pela capacidade produtiva do Egito, relatando a boa qualidade do solo. Heródoto (II: 14) se encanta com as cheias do Nilo, que irrigam os campos e proporcionam aos egípcios uma abundância nas colheitas, não sendo necessário sequer muito trabalho para isso, observações também expostas por Diodoro Sículo (I: 34. 1 - 2), que expressa a variedade agrícola propiciada pelo solo, assim como a facilidade na obtenção dos gêneros alimentícios necessários por parte dos egípcios, graças aos presentes do Nilo. Em Estrabão, encontra-se a seguinte passagem: “A atividade populacional [do Egito] em conexão com o rio chega ao ponto de conquistar a natureza através da diligência. Por natureza a terra produz mais frutos do que quaisquer outras terras, e ainda mais quando regada<sup>20</sup>” (ESTRABÃO, XVII: 1.3). A documentação indica que em diversas temporalidades a eficácia produtiva do Nilo despertou a atenção dos povos da Hélade, tanto do Continente quanto do Oeste da Anatólia, estimulando-os não apenas a estabelecerem um assentamento no Delta, como também obter mercadorias nesse de forma contínua, tendo em vista a facilidade da produção egípcia e sua possibilidade de exportação de excedentes.

A geografia do Egito é uma das justificativas do sucesso de Náucratis em responder as necessidades da Hélade. Todavia, considera-la como única via explicativa seria reducionista, além de adentrar em críticas efetuadas tanto por W. V. Harris quanto por Irad Malkin, como mencionado anteriormente. Agregada à questão do ambiente, se encontra a organização política de Náucratis e as relações com o estado faraônico. O diálogo interestatal entre as forças militares helênicas e o centro de poder saíta viabilizaram a prosperidade econômica de Náucratis e a manutenção de seus laços mediterrânicos, sendo esses benéficos tanto para o Egito quanto para os estrangeiros. Por sua vez, a colaboração mútua, atendendo a interesses comuns, entre gregos de diferentes *poleis* em Náucratis, restringiram as possibilidades de eclodir conflitos capazes de

---

<sup>20</sup> Na versão em inglês: The activity of the people in connection with the river goes so far as to conquer nature through diligence. For by nature the land produces more fruit than do other lands, and still more when watered.

limitar o papel econômico do entreposto. Logo, a geografia egípcia e a organização política fizeram de Náucratis, uma “encruzilhada decisiva”<sup>21</sup> para a história mediterrânica.

Apesar de enfatizarmos a observação das forças profundas que fizeram emergir a instituição de Náucratis, é importante ressaltar que há, sem dúvidas, razões particulares de cada *poleis* envolvida no processo. As evidências apontam que a busca de terras e grãos as uniu em um objetivo em comum, o que não descarta as motivações particulares de cada comunidade política que participou da formação de Náucratis e de suas linhas de conexão. A investigação a respeito dessas peculiaridades é instigante. Contudo, seria necessário toda uma pesquisa específica que vai além dos limites estipulados para este trabalho, que tem por objetivo abordar os impulsos gerais. Apesar de termos nos concentrado nessa abordagem, ainda assim, uma questão fica em aberto: de que forma Náucratis de fato se integra ao mapa global da rede de conectividade do Mediterrâneo helênico?

A teoria trabalhada por Irad Malkin trata acerca da inconsciência no processo de formação da rede grega. Partindo dessa ideia, compreende-se que Náucratis possuiu sua construção própria, e os agentes envolvidos no projeto tinham em mente apenas o atendimento de suas necessidades vigentes, e não a construção de parte de um sistema global. Segundo Malkin (2011, p. 31), a rede grega não foi planejada, sendo sua edificação um desdobramento de determinadas atividades, cujo atores não tiveram a percepção da integração que empreendiam. A instauração de Náucratis e as linhas de conexão vinculadas a esse entreposto não visaram sua articulação a amplitude do mundo grego. Porém, os eventos intrínsecos a esses relacionamentos interestatais elevaram Náucratis a uma posição proeminente como ponto de contato, inserindo-o na rede mediterrânica. Esse sistema é caracterizado não apenas pelas interdependências entre os helênicos, mas também, pela integração de diferentes universos. A pesquisa explica o quanto o Egito exerceu um papel proativo na exportação de recursos para o mundo helênico, havendo a formação, por parte das *poleis* gregas, de uma relação de dependência para com terras estrangeiras.

A região de Náucratis representa a ampla realidade de trocas culturais e econômicas no contexto mediterrânico, cujo proximidade dos povos construiu diálogos que proporcionaram o desenvolvimento de redes de conectividade. As trocas foram produtivas para os diversos grupos

---

<sup>21</sup> Braudel referência Náucratis dessa forma ao falar sobre a presença milésia no Egito: “Desde o século VI, a cidade (Mileto) possui quase uma centena de feitorias nas margens do Ponto Euxino; dispõe, em Itália, de um importante ponto de paragem, Síbaris, para expedir produtos industriais; também está presente no Egito, na encruzilhada decisiva de Náucratis” (BRAUDEL, 2001, p. 283).

que essas envolviam. Mercadorias, códigos, ideias e valores circulavam pelas águas e transformavam culturas, integrando diversas regiões. Através do desenvolvimento de pesquisas que contemplem as transações pelo Mediterrâneo antigo, é possível romper com determinadas noções isolacionistas. Apesar das contribuições da teoria de redes e também de diversas obras que enfatizam os diálogos interculturais, é necessária uma ampliação de análises globais sobre o mundo antigo. O estudo dos choques entre as culturas, as trocas econômicas e as relações de poder entre sociedades distintas, faz com que enxerguemos as implicações dos contatos para determinado grupo social. As investigações sobre Náucratis, como evidenciado, demonstram a importância do Egito para os helenos, especialmente no que concerne à exportação de grãos, ao mesmo tempo que permite compreendermos a emergência das produções gregas nas terras banhadas pelo Nilo. Essa questão amplia os olhares sobre o complexo sistema de trocas que permeava entre os antigos, transformando costumes e percepções do mundo, rompendo com as fronteiras que supostamente afastavam as sociedades.

#### Referências bibliográficas

- BOARDMAN, John. **The greeks overseas: their early colonies and trade**. London: Thames and Hudson, 1980.
- BRAUDEL, Fernand. **The Mediterranean and the Mediterranean world in the age of Philip II**. Vol I. Glasgow: Collins, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do Mediterrâneo: pré-história e antiguidade**. Lisboa: Terramar, 2001.
- BRAUN, T.F.R.G. *The greeks in Egypt*. In: BOARDMAN, John; HAMMOND, N.G.L (Eds.). **The Cambridge ancient history: the expansion of the greek world, eight to sixth century B.C**. Vol III, part 3. Cambridge: The Cambridge University Press, 2008. P. 32 – 56.
- CANDIDO, Maria Regina. **Atenas: liderança unipolar no Mar Egeu (480-411 a.C)**. Rio de Janeiro: Letras e Versos/ NEA-UERJ, 2016.
- COOK, J.M. *The Eastern greeks*. In: BOARDMAN, John; HAMMOND, N.G.L (Eds.). **The Cambridge ancient history: the expansion of the greek world, eight to sixth century B.C**. Vol III, part 3. Cambridge: The Cambridge University Press, 2008. P. 196 – 221.
- DIODORUS OF SICILY. **Library of History**. Vol I. Translated by C. H. Oldfather. The Loeb Classical library. Harvard: Harvard University Press, 1933.
- FANTALKIN, Alexander. *Identity in the Making: Greeks in the Eastern Mediterranean during the Iron Age*. In: VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo (Eds.). **Naukratis: greek diversity in Egypt: studies on East greek pottery and exchange in the eastern Mediterranean**. London: The British Museum, 2006. P. 199 – 208.
- GRAHAM, A. J. *The colonial expansion of Greece*. In: BOARDMAN, John; HAMMOND, N.G.L. (Eds.). **The Cambridge ancient history: the expansion of the greek world, eight to sixth century B.C**. Vol III, part 3. Cambridge: The Cambridge University Press, 2008. P. 83 – 162.

- GRAS, Michel. **O Mediterrâneo arcaico**. Lisboa: Teorema, 1998.
- GREAVES, Alan M. **Miletos: a history**. London: Routledge, 2002.
- HARRIS, W. V. *The Mediterranean and Ancient History*. IN: HARRIS, W. V (Org.) **Rethinking the Mediterranean**. New York: Oxford University Press, 2005. P. 1 - 42.
- HERODOTUS. **History**. Vol 1. Translated by A. D. Godley. The Loeb Classical Library. Havard: Havard University Press, 1920.
- HORDEN, Peregrine; PURCELL, Nicholas. **The corrupting sea: a study of Mediterranean history**. Oxford: Wiley Blackwell, 2000.
- MALKIN, Irad. **A small greek world: networks in the ancient Mediterranean**. New York: Oxford University Press, 2011.
- MÖLLER, Astrid. **Naukratis: trade in archaic Greece**. New York: Oxford University Press, 2000.
- MOSSÉ, Claude. **Péricles: o inventor da democracia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- SCHOULTZHAUER, Udo; VILLING, Alexandra. *East greek pottery from Naukratis: The current state of research*. In: VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo (Eds.). **Naukratis: greek diversity in Egypt: studies on East greek pottery and exchange in the eastern Mediterranean**. London: The British Museum, 2006. P. 53 – 68.
- STRABO. **Geography**. Vol IV. Translated by Horace Leonard Jones. The Loeb classical library. Havard: Havard University press, 1951.
- \_\_\_\_\_. **Geography**. Vol VIII. Translated by Horace Leonard Jones. The Loeb classical library. Havard: Havard University press, 1967.
- VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- VILLING, Alexandra. *'Drab bowls' for Apollo: the mortaria of Naukratis and exchange in the archaic eastern Mediterranean*. In: VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo (Eds.). **Naukratis: greek diversity in Egypt: studies on East greek pottery and exchange in the eastern Mediterranean**. London: The British Museum, 2006. P. 31 – 46.
- VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo. *Naukratis and the eastern mediterranean: past, present and future*. In: VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo (Eds.). **Naukratis: greek diversity in Egypt: studies on East greek pottery and exchange in the eastern Mediterranean**. London: The British Museum, 2006. P. 1 – 10.
- VON BOTHMER, Dietrich. *Greek vase painting: an introduction*. **The Metropolitan Museum of Art Bulletin, New Series 31 (1)**, 1972, p. 3 – 9.
- WILLIAMS, Dyfri; VILLING, Alexandra. *Carian Mercenaries at Naukratis?* In: VILLING, Alexandra; SCHOULTZHAUER, Udo (Eds.). **Naukratis: greek diversity in Egypt: studies on East greek pottery and exchange in the eastern Mediterranean**. London: The British Museum, 2006. P. 47 – 48.